
ESTRUTURA SUBJETIVA DA PERSONAGEM LEOPOLDO EM OS CORDEIROS DO ABISMO, DE MARIA LUÍSA RIBEIRO

José Elias Pinheiro Neto¹

Resumo: Este trabalho tem o objetivo de analisar a personagem Leopoldo no romance *Os cordeiros do abismo*, de Maria Luísa Ribeiro. O estudo é realizado pelos elementos discursivos formadores das imagens textuais que estão projetadas pela autora, com os aspectos centrais abordados acerca dos dilemas subjetivos do indivíduo dentro de uma ação ficcional. A pesquisa se estabelece em bases bibliográficas para apresentar uma reflexão a partir da análise da realidade com o direcionamento contextual para a produção do conhecimento e aproximação de representações da arte. Embasado em pesquisadores teóricos sobre a temática dentre os quais destacam-se: Pinna (2006) Nascente (2005), Blanchot (2011) e Borges e Pinheiro Neto (2020).

Palavras-chave: Lascívia; Redenção; Ficção e Realidade.

SUBJECTIVE STRUCTURE OF THE CHARACTER LEOPOLDO IN OS CORDEIROS DO ABISMO, BY MARIA LUÍSA RIBEIRO

Abstract: This paper aims to analyze the character Leopoldo in *Os cordeiros do abismo*, by Maria Luísa Ribeiro. The study is carried out by the discursive elements that form the textual images that are projected by the author, with the central aspects addressed surrounding the individual's subjective dilemmas within a fictional action. The research is established on bibliographical bases to present a reflection based on the analysis of reality with contextual guidance for the production of knowledge and approximation of art representations. Based on theoretical researchers on the subject, including: Pinna (2006) Nascente (2005), Blanchot (2011) and Borges and Pinheiro Neto (2020).

Keywords: Lust; Redemption; Fiction and Reality.

¹ Pesquisador de estudos interculturais entre literatura, ciência e arte. Graduado em Direito (1997) pela UFG/Câmpus Goiás e Letras (Português/Inglês) (2001) pela UEG/Itapuranga. Especialista em Ensino de Literatura (2003) pela UEG, em Língua Inglesa (2004) também pela UEG e em Direito Civil e Processual Civil (2005) pela UNIGRANRIO. Mestre em Geografia (2005) pela UFG/Catalão, com a dissertação: Uma viagem paisagística pelas zonas geográficas na obra *Morte e Vida Severina* de João Cabral de Melo Neto. Doutor em Ciências Humanas (Geografia Humana) (2017) pela FFLCH/USP com a tese: Tessituras da paisagem cultural às margens do rio Capibaribe e no Recife sob a luz da poética de João Cabral de Melo Neto e Pós-doutor em Literatura Comparada (2021) pelo PROLAM/USP. Atualmente professor efetivo (DES IV Nível 1 RTI) Letras/UEG, credenciado no programa de pós-graduação stricto sensu em Língua, Literatura e Interculturalidade (POSLLI/UEG), coordenador setorial de Letras UEG/Itapuranga, editor-chefe do periódico digital *Building the way* (ISSNe 1519-7220), membro dos grupos de pesquisa: Geografia, literatura e arte (GEOLITEART) com sede na USP; Literaturas de língua portuguesa (GEPELLP) e Ensino, métodos e técnicas socioambientais, ambos na UEG. Interessa-se por pesquisas na área de Literatura, com ênfase na aproximação entre ciência e arte, paisagem e literatura, literatura negra e afro-brasileira.

CONSIDERAÇÕES INICIAIS

O objeto deste trabalho é a narrativa *Os cordeiros do abismo*, escrito por Maria Luísa Ribeiro, com uma trama que se apresenta ao leitor dentro de uma estética de grande aproximação com a realidade. O foco é a personagem Leopoldo, indicando nuances estilísticas que permitam uma compreensão de elementos convergentes aos acontecimentos do cotidiano de cada indivíduo. As características de construção do trabalho perpassam por uma análise do discurso e das atitudes da personagem, apontando o seu processo de construção histórica para associar a verificação ao processo ideológico social que se apresenta, de forma verossímil, na vida de cada um.

O texto aponta para um enredo literário retratando o proprietário de um cartório, e por este motivo tem acesso a todos os processos do crime. O emprego nada mais é do que uma herança recebida pelo falecimento de seu pai. Iniciou no trabalho junto aos arquivos, fotos e dizeres processuais criminais ainda quando criança, entre a ficção e a realidade laborava descortinando sua juvenildade e construindo um ambiente totalmente único dentro do departamento jurídico. Leopoldo, no auge de sua mocidade, com todo hormônio androgênico aflorado em seu corpo, via as fotografias de pessoas assassinadas e nelas ele sentia um fogo estranho, sentia prazer naquelas gravuras.

O objetivo é apresentar alguns elementos subjetivos da personagem Leopoldo, protagonista do romance, pensando na ideia de hibridez capturada nas leituras de Maria Luísa Ribeiro, que levam o leitor a caminhar pela fina e tênue linha que separa a ficção da realidade. A descrição das ações ficcionais também podem levá-lo a imaginar como se projetam algumas alterações sociais, a leitura entrega elementos de compreensão que desvelam pensamentos sobre as personagens e sobre si mesmo em um misto de confusão. Isto ocorre pelas mudanças e pelos acontecimentos da sociedade, que se refazem em cada momento da história, pensando no que é crime ou fetiche sexual. Isto porque há uma compreensão de dilemas subjetivos dos sujeitos que estão projetados pela personagem e, também, em um processo de verossimilhança, acontecem no meio social.

São elementos ficcionais que se aproximam da realidade, por relações e fatos ocorridos na narrativa, e que estão descritos enquanto elementos verossímeis dentro das tessituras literárias. Com essa ideia, parte-se para buscar algumas características no romance, trazendo novos olhares para tentar compreender as atitudes de Leopoldo, distante de julgá-las.

O romance brasileiro *Os cordeiros do abismo* apresenta muitos elementos a serem considerados pela aproximação entre a realidade e a ficção. Há, em Maria Luísa Ribeiro, uma alteração radical na sua forma de escrita neste trabalho, pois passa da produção de poemas infanto-juvenis para a construção de um drástico e contundente romance, avermelhado pelo sangue, emputrefado pelo sexo cadavérico, fotográfico e estarrecedor pelo incesto, desvelando as particularidades da vida humana. *Insanidades* sexuais vivenciadas em cada indivíduo que remontam características do período naturalista brasileiro.

Algumas características do naturalismo apontam para uma maneira de concepção das ações sociais, trazendo elementos da revolução industrial e nesse período existe uma abordagem exagerada e aberta ao sexo, a carne e ao uso da linguagem falada. Dessume-se disso, um diálogo vivo, um processo mimético vivenciado no cotidiano de cada indivíduo, verdadeiro e o período da escrita naturalista, século XIX, foi considerado depravado, chocante e um estilo que feria os princípios sociais. São as características dadas a Leopoldo atualmente, uma leitura que não pode ser realizada com olhares infantis porque dela renasce aquele tempo de virada do romantismo ao realismo, especialmente no que tange aos prazeres da carne.

Espera-se, com este texto, uma análise da personagem Leopoldo, protagonista do romance *Os cordeiros do abismo*, de suas atitudes no cotidiano em sua vida. Distante de realizar um julgamento, busca-se apenas apontar os comportamentos descritos pela matéria discursiva ficcional proposta pela trama. Tratam-se de dilemas vividos de forma verossímil, desvelando as subjetividades ocultas em cada ser humano da sociedade, esta abordagem pode ser realizada em uma proposta de aproximação da urdidura ficcional com elementos da realidade.

LEOPOLDO: ANÁLISES LITERÁRIAS

Maria Luísa Ribeiro *exagera* nas características naturalistas tanto em suas minuciosas descrições de cenas quanto na apresentação de um protagonista que se deleita em patologias mórbidas. Pode-se confirmar na passagem: “Imaginava-se a esfregar naquelas carnes mortas e, sequencialmente, a penetrar o corpo da vítima exposto em séries de fotografias periciais. Todos os dias se masturbava, internalizando, cada vez mais, imagens que tinham tudo de bizarro” (Ribeiro, 2005, p. 14). Estas cenas colocam nos comportamentos das personagens uma relevância carnal, considerando ações ficcionais resultantes do fruto da educação e do

meio em que elas vivenciam.

Essas características herdadas estão influenciadas pelo ambiente onde predominam temáticas sobre o fisiológico. Elas retratam agressividades, violência e erotismo enquanto elementos que compõem a personalidade humana, concomitante às mesmas bases filosóficas advindas do realismo. A escritora atravessa essas características e traz uma leitura ainda mais impactante, como pode ser percebido nas palavras do construtor do prefácio do livro Gabriel Nascente (2005), ensinando que, ao leitor virginal e desavisado, a narrativa leopoldiana é uma comutação das vozes imaginativas e das pretensas ações ocorridas corriqueiramente dentro da sociedade.

Este é um dos livros vermelhos da literatura brasileira. O livro do cão. Lírico, fatídico, onírico? Não. Transgressor. Foi escrito contra a ordem usual das coisas. E conta a história (horripilante) de um psicopata que entra dentro das fotografias para copular com cadáveres. Uma ficção draconiana, no mínimo. Talvez analistas dos distúrbios da psique melhor poderão explicar o que significa isso: a gula sexual por carniças, a necrofilia, o incesto, o homossexualismo e outras profanações afins, que não perdoam sequer a inefável beleza das orquídeas. A ironia, do começo ao fim, é sutilmente oculta, e não há lugar para sonhos. Leopoldo, o protagonista da trama, é uma incrível transmutação de vozes, reações e ambientes. Ironista, o personagem central diz ter medo da profanação, mas adora arrancar monstros de dentro das saias das amantes. (Nascente, 2005, p. 7)

Maria Luísa Ribeiro esquadrinha uma trama intrigante, as linhas vermelhas da violência e, ao mesmo tempo, esbranquiçadas pelos lançamentos de espermas trazem uma impactante reação em que: “a autora rompe com as estruturas preconcebidas e com os padrões da sua linha temática e empreende o grande salto” (Nascente, 2005, p. 8). Um amadurecimento de escrita, que Gabriel Nascente (2005, p. 8) denomina como “angelicalmente demoníaca”, valida sua maioria poética, legitimando em aspectos freudianos a serem analisados na personagem Leopoldo da escritora.

Há uma consagração da escrita literária da romancista determinada pela contrariedade da burguesia, assim como fizeram os realistas. Sobre este assunto, Gabriel Nascente (2005, p. 8) escreve que: “esta autora ou se consagra no topo da maioria literária ou se espatifa de vez na ousada tematização profundamente inadmissível aos olhos da sociedade burguesa e aparentemente em paz com seus preceitos religiosos neste viés do Ocidente”. O romance instiga e aponta para uma leitura premente das atitudes sociais que cercam o ser humano. O prefacista ainda escreve que: “Eu, particularmente, jamais teria coragem, para abordar, em literatura, um assunto como este, em que a maldição e o satanismo triunfam, cada vez mais

insanos” (Nascente, 2005, p. 8). Há uma chamada para a insensibilidade dos fatos sociais e para a aproximação com a realidade, retomando o poder da escrita da autora.

É importante a compreensão do processo de inovação literária pessoal que atravessa a autora e, mimeticamente, desvela as dores do ser humano atualmente. Para Daniel Moreira de Sousa Pinna (2006, p. 176), o comportamento de uma determinada personagem trata de uma busca que tenta garantir, conforme com suas crenças, “a coerência com as premissas que lhe foram conferidas. Uma personagem pode estar representando uma ideia apenas ou várias. Pode ser um ente único - individual - ou de um grupo de indivíduos com características semelhantes”. E Leopoldo trava um embate consigo mesmo em que

a perversidade sexual, luta paradoxalmente, para voltar à edênica e teológica origem do homem, narrada pela escritura dos antigos evangelhos. É, pois, uma ficção de impacto, cruel, onde os sonhos do homem são esfacelados por interveniências dos distúrbios satânicos da mente humana. Inspirado no macabro. Uma realidade sobre os tristes dilaceramentos da alma o fim do homem. (Nascente, 2005, p. 9)

A aproximação ficcional da realidade remonta, por Leopoldo, o macabro dos pensamentos sociais, ações tão vivas que os analistas da trama estudam aspectos psicológicos do protagonista em contraposição de estudiosos da psicanálise. Fábio Júlio de Paula Borges e José Elias Pinheiro Neto (2020, p. 1) discutem *Os cordeiros do abismo* baseados em estruturas psicanalíticas sistematizadas por Sigmund Freud, um estudo em busca da compreensão da relação que a linguagem exerce “na formação de subjetividades culturais e na compreensão dos casos de necrofilia praticados por Leopoldo, personagem protagonista do romance”.

Maria Luísa Ribeiro realiza uma escrita de uma trágica realidade social vivida por muitos nos dias atuais, pessoas que se escondem por trás de uma atitude social pré concebida de retidão, mas que em seus mais íntimos pensamentos, e até mesmo atitudes ocultas, desvelam atrocidades sexuais. E esta realidade pode ser analisada, por exemplo, pela psicanálise para desvelar, no pensamento do indivíduo, uma análise psicológica dos mais íntimos segredos da mente humana. A interpretação discursiva na narrativa se pauta em um estudo de compreensão com diversas preleções descritivas, retomando o fazer literário da autora. A hibridez nos recursos estilísticos leva para uma reflexão das falas tanto de Leopoldo quanto das outras personagens. Então, cabe o estudo de aproximação realizado pelas características estéticas com as quais se estruturam o romance, além do processo discursivo, a

ressignificação da paisagem humana revela como cada personagem vive e se consolida historicamente.

Como visto, o processo narrativo d'*Os cordeiros do abismo* descreve a saga de Leopoldo. O assunto tratado no enredo refere-se aos mais recônditos sentimentos sexuais memorados por diferentes seres humanos, muitos deles escondidos e outros nem tanto. A morbidez e as nuances referenciadas ao tabu sexual praticado socialmente enveredam por caminhos escuros e escusos, em diversos momentos pelo escândalo daquilo que qualquer um 'gostaria' de ter feito, mas são impedidos, por fetiche ou, simplesmente, por uma vontade que se realiza apenas pela leitura.

Questões de fino trato é o que a escritora traz à tona, relacionando uma aproximação entre a ficção e a realidade, com descrições descaradas, às claras, abertas e sem nenhuma preocupação em ocultar atos ou fatos transgressivos. Não se vê escândalos, a vida de Leopoldo é um enredo da normalidade vivida por muitos outros *leopoldos* escondidos na estupidez humana. O indivíduo, com sua conduta harmônica, muitas vezes, velada, tenta se portar em padrões ditados por pessoas que até pensam em 'extremismos', mas se contêm pelos moralismos sociais.

Daí, depreende-se como a literatura consegue enfocar, mimeticamente, dentro de seus traços descritivos, as marcas de uma narrativa ficcional. Essas descrições podem desvelar um Leopoldo que pratica atos libidinosos com aquelas imagens congeladas. "As imagens das vítimas, estampadas no miolo daquelas pastas pardas, domavam os sentidos do menino adolescente e às escondidas, ele, em ritual, retirava um dos processos do arquivo e levava-o para o banheiro". (Ribeiro, 2005, p. 14-15)

Este foi o início da 'carreira' de Leopoldo junto aos processos que formariam o projeto de sua vida, tanto as histórias quanto as pessoas que faziam parte daquele sistema criminal colaboraram para isso. O sentimento escarnecedor tomava conta daquela adolescência, formando-se necrofilamente pelas sensações de saciedade carnal que continua depois de assumir o cartório do pai e tornar-se um homem.

Leopoldo insurgia na busca de lascívia, e, quando isso se dava, ela obrigava-o a se perfumar com feminino cheiro, e ele sobrepunha e depois, os jatos de esperma acomodados na intimidade de Eulália escorriam-lhe pelas coxas, que ele lambia, absorvendo o resto da essência amadeirada, esboçando que residia neste instante o topo do prazer. Depois, o encontro sexual foi se tornando somente um artifício para o uso do perfume. A solidão foi se definindo e só restou o compromisso das quartas de expiação. (Ribeiro, 2005, p. 19)

Leopoldo tem uma ‘sensibilidade’ sexual compulsiva e sentimento impulsivo sobre as gravuras cadavéricas, elas faziam parte do bojo processual no departamento. Sua obsessão, inicialmente pelas mulheres, era cotidianamente saciada pela sua imaginação e pela fuga para o banheiro do trabalho, aos poucos crescia compulsivamente.

São especiais as mulheres que capturam a felicidade a qualquer preço. Daí, partindo do pressuposto, de que só o desencanto deve motivar tal ousadia, dei-me o direito de respeitar suicídio de homens que não conseguem convencer suas mulheres a desistirem de ser um pouco mais felizes. Só que as mulheres felizes, além de ousadas, deveriam ser estéreis. E, por ironia, as estéreis são justamente aquelas que sustentam um chapéu morto enterrado na cabeça e um leque absurdo, exibindo menopausa. Aqueles daquelas, escolhem morrer, aqueles destas, escolhem matar. (Ribeiro, 2005, p. 35)

O caminho traçado pelo protagonista Leopoldo envereda para a obscuridade dos padrões sociais, a autora impetrou, em suas condutas, atitudes despojadas e com uma frivolidade inaugural para um texto ficcional que revela a proximidade com a realidade. À primeira vista o asco pode tomar conta do leitor pela menção detalhada das imagens, Leopoldo apresenta uma têmpera altamente desajustada, chocando leitores virginiais. Depois, extrapola ainda mais os âmbitos sociais, além dos encontros ‘latrinalis’ com as imagens dos defuntos, o protagonista procura pelas pessoas que se relacionavam com aqueles mortos e tem com eles um relacionamento.

O intento maior era, após o envolvimento, intensificar o tormento dos sobreviventes. Por fim, para completar a insensatez ficcional de Leopoldo, no momento em que o leitor crê no fundo do poço, aparece a figura do incesto para aumentar a abominação da ação leopoldiana. O homem deleita-se em escárnio ao dorso de sua mãe, amenizando o prazer nas imagens necrófilas e o menoscabo com os viúvos.

Minha mãe ainda é viva e eu adoro mortos. Adoro-os porque eles não fogem quando amados. E, por dedução, aprendi que é muito gratificante ter saudade de quem não tem como ir embora e que os vivos são meras consequências dos que não podem mais viver. E tenho a consciência de todos os meus arquivos. Por isso, quando amo, não atropelo as coisas. Coloco-as no seu tempo. E quando quero lembrar os meus amores, recorro à morte, a única certeza que tenho desde o dia em que fiquei vivo para amar. (Ribeiro, 2005, p. 45)

Todos os desvarios libidinosos do protagonista iniciaram no departamento cartorário, seu universo laboral, é neste local que os atos mórbidos se constroem e eles começam antes de tudo com as fotos. Elas despertam em Leopoldo sua face destinada ao sexo sepulcral,

amoral, e, à primeira vista, o texto pode chocar e influenciar o leitor sobre o que ele pensa em relação ao que o cerca. Existem muitas ‘atitudes transgressivas’ iniciadas nos furtos das imagens necrófilas e que sucessivamente aumentam com a morte do pai, não mais tão às escondidas porque a partir daí toma posse de tudo.

O texto não economiza fatos que podem levar o leitor a se posicionar sexual ou socialmente, trazendo à tona elementos heterofóbicos, com prazer naquela morte e, de outro lado, de luta por uma classe subjugada e atacada por muitos, porque também parte, em uma aproximação entre a arte e a realidade, entre a ficção e os atos animais reais, para a compreensão dos sentidos e dos pensamentos humanos entre o martírio e o prazer da carne. Leopoldo desvela suas histórias sem compromisso com a verdade, sua trama se desenvolve inicialmente em virtude de um casamento mal administrado e um confuso relacionamento materno. São características apresentadas ao leitor para que ele possa perceber na vida corriqueira do homem a tentativa de justificar os seus atos.

A temática sexual evoca no interior de cada um os seus fetiches, sonhos e expectativas. O romance apresenta uma realidade vivida por muitas pessoas, cada um com suas particularidades, algumas possíveis de se mostrar outras nem tanto. A arte repete as manifestações cotidianas de cada ser humano para além da simples demonstração, especialmente na projeção de sentimentos, existe uma íntima comunicação textual entre os atores que comprovam a leitura e a realidade das construções sociais.

Leopoldo não leva o leitor inicialmente para um mundo de loucura, o enredo conta a trama de um homem com preferências sexuais intrigantes. Acreditava fazer parte do corpo das pessoas mortas nos processos do cartório, “mentalizava seus nomes e durante o ato sexual, fosse homem ou mulher, julgava encarná-los; em alguns casos, usava as roupas do falecido para intensificar o seu prazer. Cometeu incesto, ao se deitar com a mãe, Tarsila Dornellas” (Borges; Pinheiro Neto, 2020, p. 21). E neste seguimento:

o quarto de casal, o maior, cuidadosamente preparado. Nele não havia armário. Era mobiliado apenas por uma cama grande e redonda, um cabide tripé, um frigobar e um sofá de dois lugares, onde sentou-se com Tarsila e lhe serviu o mais caro uísque, retirado da coleção do pai. Brindaram e, com as costas da mão, acariciou-lhe o rosto. Um arrepio de susto percorreu a espinha dela quando, sem coragem sequer de reagir, percebeu a intenção alongar os olhos dele, que, crescido de desejo, deixou cair o copo. E o barulho de quebrar-se o cristal marcou o deslinde. Eu chego a imaginar que ela gostava, e muito. Sem dar mais tempo, tirou-lhe o copo da mão e de pé enquanto tirava-lhe a roupa a beijou com gana de amante. Pegou-a no colo e a jogou no centro da cama. Ela não esboçava resistência. Se amaram com sofreguidão, se é que se poderia chamar de amor a profanação tamanha. Depois do ato, Tarsila

irrompeu em convulsivo choro, e Leopoldo, esvaindo-se em escândalo, ria com um louco e alcançava mais uma vez, agora masturbando-se, o topo do prazer. Com as mãos escorregadias, ele imprimiu um resto de esperma na cara e nos cabelos dela. Totalmente sem ação, ela ainda teve que suportar vê-lo se ajoelhar na cama, abrir-lhe as pernas e encarar-lhe a fenda, chamando-a de mãe. (Ribeiro, 2005, p. 69-70)

As faces do protagonista, em seu modo de agir, são percebidas, as atitudes de Leopoldo levam o leitor para uma avaliação intelectual e psicológica para que ele possa compreender se há algum transtorno, loucura ou apenas formas diferentes de sexo. Mesmo que não aceitáveis por algumas condutas sociais, seu amor desenfreado por imagens, por angústias e até pela mãe refletem a construção do seu caráter, afastando seu temor.

O espaço vivido por Leopoldo revela sua formação social e a maneira como ele constrói ou é construído pelo ambiente em que vive. Aparentemente dentro do seu mundo de libido aflorado sofre de uma patologia fora dos padrões sociais, a autora leva o leitor a acreditar em uma criação fora da normalidade e até mesmo extraterrena, não no sentido de outra galáxia, mas apenas de outra esfera de vida.

Uma vez lançado no universo o grito do nascer, o homem torna-se escravo da vida. Mesmo quando não mais figurar no catálogo telefônico, seu nome estará perpetuado no egoísmo de quem amou um dia. E quando se forem todos os que a ele se prenderam, o espaço que foi destinado permanecerá indefinidamente, porque uma visita a este planeta macera o ser. Por isso todos nós ficamos, mesmo que seja à custa dos demônios e dos retratos”. (Ribeiro, 2005, p. 55)

Há a contrapartida amorosa que demonstra uma inteira firmeza e sanidade mental das ações praticadas por Leopoldo, tomando posição de narrador para transparecer a culpabilidade. “A dependência do ser humano em relação ao outro até depois da morte. O amor é uma gaiola que aprisiona nossos sonhos inteiros, restando-nos somente sonhos divididos, vontades divididas. E qualquer iniciativa de se fazer uma opção inteira significa culpa”. (Ribeiro, 2005, p. 56). E desvela obscuridades da vida. “Até mesmo na hora da morte Leonel ainda se deu a apresentar justificativa e exteriorizar que precisava da compreensão do amante para abrir mão da vida. Com permissão do Divino se encaixam o demoníaco e o humano”. (Ribeiro, 2005, p. 56).

As imagens demarcam o início das ações de Leopoldo, a proximidade geográfica de seus ‘amores’ é dada no sentido de mostrar não coincidências, mas uma estratégia bem montada para os ‘ataques’ amorosos. Pode-se entender uma dualidade no caráter de Leopoldo, uma onisciente que justifica suas atitudes e outra racional que sente remorso de seus atos.

Leopoldo pratica uma série de ações consideradas fora dos padrões sociais que são marcadamente as formadoras de sua personalidade. A fotografias dos mortos, início de tudo e a sequência de atos que refletem no protagonista um ‘distúrbio’ social.

A trama do protagonista se repete em qualquer outro romance ou realidade vivida por diferentes pessoas do cotidiano social. Trata-se de um homem em que seu labor atende seus clientes, ele conversa tranquilamente com todos, aparentemente realizado tanto no trabalho quanto no casamento e ainda cuida de sua genitora. Existe uma intrínseca aproximação entre ficção e realidade, dentro de um processo mimético, reproduzindo o cotidiano de pessoas que vivem seus mais íntimos segredos que serão levados para o túmulo. Nunca serão revelados, o ilogismo da vida se reflete no caminho para a morte, ou pelo menos para a falta de entendimento do fim, a cada dia vivido é menos um e se torna lembrança, o que se faz neste intervalo é o reflexo do que se pensa, são respostas das construções de leitura e do conhecimento empírico vivido desde a mais tenra idade.

A relação exercida entre autor e leitor destaca a proximidade da experiência vivida, a leitura de Maria Luísa Ribeiro projeta suas personagens muito próximas do sujeito social. A romancista traz, em seu bojo de leitura, os seus estudos em uma especialização em Direito Penal, transferindo essa carga de conhecimento para seu protagonista. Este conhecimento jurídico rememora os aprendizados do protagonista e da romancista, traçando idênticos caminhos intelectuais de formação.

Leopoldo apresenta um autoflagelo punitivo em virtude dos bons costumes e da moral, não se arrepende, ao contrário parece se deleitar com a promiscuidade e os atos de descompostura.

Veio-me de novo o fascínio que os retratos de corpos mortos exerciam na central dos meus hormônios. Eu, disfarçadamente, escolhia um dos processos e escondia no banheiro. [...] Entrava no secreto e já na intimidade, alisava as coxas rijas impressas na fotografia da vítima e sentia [...] um gosto tão intenso, que cada labirinto comprimia e dimensionava meu prazer. E os retratos mudavam de textura, acariciavam-me de tal forma ardente que, ali mesmo no piso, gozávamos, a um só tempo, as fotografias e eu. (Ribeiro, 2005, p. 24)

Percebe-se no suicídio de Eulália, esposa do protagonista, que a redenção não ocorre, o que há é um quase sentimento autopunitivo porque o Leopoldo deixa transparecer o ‘amor’ ao cadáver, os atos são punidos em outras pessoas, a exemplo o suicídio. Assim, compreende-se um reforço do prazer amoroso sepulcral porque ele sente uma atração como nunca havia

sentido antes por ela no momento em que vê seu corpo separado da alma.

Leopoldo *anda* pelas travessas formadas da trama que vão dilacerando sua carne e ferindo sua alma, descreve os mais variados momentos esdrúxulos que a personagem viveu nas duas etapas pelas quais o livro está dividido: a primeira construída por sete travessas, apresentando a perversão dos atos sexuais realizados com as ‘vítimas’, maioria parentes dos falecidos. Na outra etapa, chamada de *Retorno*, Leopoldo descreve diversos acontecimentos que levam o leitor a um constrangimento sobre alucinadores fatos da relação com as pessoas com quem a personagem se envolveu.

Muito embora, o protagonista aparente uma remissão de seus atos, estes ficam a cargo do leitor sobre um julgamento de valor, subsidiado pela conjuntura social e também por uma subjetiva leitura que se distancie da condenação e/ou se aproxime de compreensão. Fica subjacente ao protagonista elementos que constroem seu caráter, bases estilhaçadas, transformando seu crescimento e suas relações com as outras pessoas. Sua personalidade estará sempre em observação, suas relações sexuais descritas nas travessas remontam a percepção do leitor para que, subjetivamente, possa fazer um julgamento.

Especialmente nas descrições que marcam a sua essência, em esfregar-se ao cadáver de Eulália ou nas fotografias de pessoas mortas e, principalmente, ao cometer ato sexual com a sua mãe, como forma de vingança. “Preciso assistir aos funerais de Eulália. E parece que minha mãe comunga a mesma espera. Meu pai não teve a mesma paciência. Deixou-me as duas e vou convivendo com elas enquanto espero”. (Ribeiro, 2005, p. 45). Essa angustiante espera atormenta Leopoldo porque “alguém terá que ceder um dia, mesmo que seja para Eulália ir de um jeito que possa ser amada por mim, nem que seja através das peças que compõem o arquivo”. (Ribeiro, 2005, p. 45). E não consegue desvencilhar-se do seu destino, “ao acordar de seus sonhos, se depara com os seios de sua mãe dependurados no teto, jorrando leite sobre ele, mistura-se ao seu esperma esbranquiçado que escorre no banheiro do cartório. Enquanto isso, Tarsila o olha do canto e ri sensualmente”. (Borges; Pinheiro Neto, 2020, p. 30)

Leopoldo pensa em cada um de seus atos, suas atitudes são descritas por um eu-narrador, atrelando-se e confundindo-se em atos narrativos que desencadeiam sentimentos ficcionais e reais no leitor. Essa intensidade narrativa simboliza a voz da autora, que retrata as imagens de muitas pessoas da contemporaneidade. Sobre esta ideia retoma-se as palavras de Maurice Blanchot (2011, p. 19), para se compreender esta simbologia da intensidade

narrativa:

escrever é descobrir o interminável, o escritor que entra nessa região não se supera na direção do universal. Não caminha para um mundo mais seguro, mais belo, mais justificado, onde tudo se ordenaria segundo a claridade de um dia justo. Não descobre a bela linguagem que fala honrosamente para todos. O que fala nele é uma decorrência do fato de que uma maneira ou de outra, já não é ele mesmo, já não é ninguém. O “Ele” que toma lugar do “Eu”, eis a solidão que sobrevém ao escritor por intermédio da obra. “Ele” não designa o desinteresse objetivo, o desprendimento criador. “Ele” glorifica a consciência em um outro que não eu, o impulso uma vida humana que, no espaço imaginário da obra de arte, conservaria a liberdade de dizer “Eu”. “Ele” sou eu convertido em ninguém, outrem que se torna outro, é que, do lugar onde estou, não possa mais dirigir-me a mim que aquele que se me dirige não dia “Eu”, não seja ele mesmo.

Ainda de acordo com o autor, na produção da escrita, especialmente, a que se analisa, é possível se encontrar em um espaço de vacância, posicionar-se na vizinhança que circunda este espaço vago e o autor que se envereda por estes caminhos muito provavelmente não se transpõe para uma condução universal. As direções não se fundem para um caminho seguro ou que se justifique, não há um ordenamento claro ou lógico. A escritura se distancia do que se tem de belo bem como a narrativa torna-se de ninguém. E a narrativa de Maria Luísa Ribeiro, atrelada ao tempo e ao espaço, utiliza direcionamentos demarcados nas descrições, mesmo que não belas, dialogando com outros textos ficcionais. Em *Os cordeiros do abismo* são apresentados

elementos que dialogam, inclusive, com a tradição, como as obras de Machado de Assis e Clarice Lispector, sobretudo em relação à habilidade do narrador em conduzir o leitor na criação de vínculos entre as informações que fornece. No entanto, o diálogo com a tradição não é sem inovações, particularmente no que se refere à maneira de construir as relações entre as personagens, em que a presença de três tempos cronológicos (presente, passado e passado anterior) mediam as informações sobre cada uma delas, adensando a compreensão de seus significados na estruturação da trama. (Suzuki, 2018, [s/p]).

O tempo cronológico é apresentado em três momentos, a se pensar em um tempo presente, passado e passado anterior, essas informações são dadas para a compreensão dos elementos significativos da trama.

O leitor de *Os cordeiros do abismo* se direciona a converter-se em ninguém para se tornar outro e permanecer dentro de um espaço imaginário: a obra de arte. Isto ocorre para, justamente, se conservar, na sua liberdade de analista, posicionado nas ações das personagens. Entende-se como uma representação individual em que são apontadas as vivências de cada

sujeito moderno. Há uma corporificação que leva o leitor ao jogo de compreensão das identidades e das experiências vividas por cada personagem, das suas alegrias, das suas frustrações e das suas angústias, vitórias e derrotas.

Pode-se pensar n'Os *cordeiros do abismo* enquanto reprodução de cada pecador que existe nos seres humanos, as sete travessas d'A *via Cruz* e as sete d'O *Retorno*, que formam os dois capítulos do livro, retomam uma ida ao pecado e uma volta à redenção, transportam o leitor para os seus mais diversos sentimentos, compreensão e identidades com as histórias narradas por Leopoldo. Entender como funcionam, ficcionalmente, essas sensações dão ao texto de Maria Luísa Ribeiro uma instigante apresentação, e desvela o que cada um de pode vir a ser. Essa identificação remonta enraizamentos linguísticos para a compreensão da aproximação entre a realidade e a ficção e outros elementos, no sentido de produzir informações necessárias para que o leitor seja capaz de compreender os fatos sociais cotidianamente ocorridos em seu meio e que podem, mimeticamente, estarem descritos na literatura.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A aproximação entre ficção e realidade acomete a sociedade atual e está presente no discurso das personagens de Maria Luísa Ribeiro. Em diversos momentos pode-se deparar com notícias sobre os mais variados temas que estão retratados na ficção desta autora, os jornais descrevem todas as cenas. O sexo com cadáveres e a solidão, mesmo em meio uma multidão, são elementos que acometem psicossocialmente muitas pessoas, levando-as a visualizar os fantasmas escondidos dentro de cada um. A loucura e a insanidade humana são resultados de elementos relacionados aos aspectos da vida em sociedade.

Neste prisma, pode-se entender relevante abordar a temática de aproximação do ficcional e de real em romances modernos, nas especificações da linguagem literária estão refletidos os símbolos e os traços marcantes da poética de Maria Luísa Ribeiro. Este romance traça marcas do cotidiano em que vive cada um, autorizando um diálogo entre elas para, considerando elementos essenciais, retratar aspectos da realidade social, vividos na sociedade atual.

Descortinam-se para diversas interpretações que dependem de cada leitor, a identificação com as personagens, com o enredo ou com a trama. Há uma abertura possível

para se depreender e esclarecer os fatos literários, trazendo-os a uma interpretação muito subjetiva de uma exegese que transcende o homem e seus pensamentos, abrindo novas perspectivas pessoais, literárias e científicas.

Referências

BLANCHOT, Maurice. **O espaço literário**. Rio de Janeiro: Rocco, 2011.

BORGES, Fábio Júlio de Paula; PINHEIRO NETO, José Elias. A via crucis do prazer: necrofilia em *Os cordeiros do abismo*, de Maria Luísa Ribeiro. In: **Revista de Letras** – Centro de Humanidades. Universidade Federal do Ceará. n. 39, vol. 2 - jul/dez. Fortaleza, 2020.

NASCENTE, Gabriel. Prefácio. RIBEIRO, Maria Luísa. **Os cordeiros do abismo**. Goiânia: R&F, 2005.

PINNA, Daniel Moreira de Sousa. **Animadas personagens brasileiras**: a linguagem visual das personagens do cinema de animação contemporâneo brasileiro. 452 f. (Dissertação). Mestrado em Artes e *Design*. Programa de Pós-Graduação em *Design*. PUC: Rio de Janeiro. 2006.

RIBEIRO, Maria Luísa. **Os cordeiros do abismo**. 2. ed. Rio de Janeiro: OR Editor, 2005.

SUZUKI, Júlio César. *Os cordeiros do abismo: uma expressão da potência do romance goiano contemporâneo*. In: **Química literária**. 2018. Acesso: 10/10/2018. Em: <<http://quimicaliteraria.blogspot.com/2018/04/os-cordeiros-do-abismo-uma-expressao-da.html>>